

FICHA TÉCNICA

Título original: *Die Verwandlung*

Autor: *Franz Kafka*

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 1996

Tradução: *Gabriela Fragoso*

Prefácio: *Helena Topa*

Capa: *Filipa Costa Félix/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, 1996

Reimpressão, Lisboa, Janeiro, 2017

Depósito legal n.º 306 862/10

Reservados todos os direitos desta edição à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59 – Queluz de Baixo

2730-132 BARCARENA

info@presenca.pt

www.presenca.pt

Índice

| | |
|---------------------|----|
| Prefácio | 9 |
| A Metamorfose | 19 |
| I | 21 |
| II | 40 |
| III | 60 |

I

Certa manhã, ao acordar de sonhos inquietos, Gregor Samsa viu-se transformado num gigantesco insecto. Estava deitado na cama, sobre a sua carapaça dura, e sempre que levantava um pouco a cabeça via a barriga abaulada, castanha, subdividida em escoras arqueadas, no cimo da qual o cobertor, prestes a resvalar para o chão, se mantinha a custo. As suas muitas pernas, lastimosamente magras em comparação com o resto do corpo, tremeluziam-lhe, impotentes, diante dos olhos.

«Que se passa comigo?» — pensou. Não era um sonho. O seu quarto, um autêntico quarto de gente, embora algo exíguo, apresentava-se calmo entre as quatro paredes familiares. Por cima da mesa, sobre a qual se estendia uma colecção de amostras de tecidos acabados de desembrolhar — Samsa era caixeiro-viajante —, estava pendurada a gravura que recentemente recortara de uma revista ilustrada e que colocara numa bonita moldura dourada. Representava uma senhora com um chapéu e uma boa de pele, sentada muito direita, estendendo para o espectador um pesado regalo de pele, no qual o seu antebraço desaparecia completamente.

O olhar de Gregor voltou-se então para a janela, e o tempo triste — ouviam-se gotas de chuva caindo na chapa do para-peito — fê-lo cair numa profunda melancolia. «E se eu tentasse dormir mais um pouco e esquecesse todas estas tolices?» — pensou. Mas isso era completamente impossível, porque

estava habituado a dormir sobre o lado direito e, na situação actual, não conseguia alcançar a posição pretendida. Por muito que tentasse virar-se para o lado direito, imediatamente voltava a rebolar para a posição de costas. Terá tentado umas cem vezes, fechando os olhos para não ver as pernas que se agitavam, e desistindo apenas quando começou a sentir no flanco uma dor nunca antes experimentada, leve, surda.

«Meu Deus» — pensou —, «porque havia de ter escolhido uma profissão tão fatigante! Sempre de viagem. As contrariedades profissionais são muito maiores do que se trabalhasse aqui, na firma, e como se não bastasse, ainda tenho este martírio das viagens que me são impostas, a preocupação de apañhar as ligações dos comboios, as refeições más e irregulares, um relacionamento humano instável, sem durabilidade, sem nunca se transformar em afecto. Diabos levem tudo isto!» Sentiu uma leve comichão na parte superior da barriga; arrastou-se lentamente sobre as costas, para mais perto da cabeceira, a fim de melhor poder erguer a cabeça; encontrou o sítio em que sentia comichão, coberto de uma infinidade de pontinhos brancos, e não soube o que pensar; ao tentar apalpar o sítio com uma perna, teve de a encolher imediatamente, pois o contacto encheu-o de suores frios.

Voltou a resvalar para a posição anterior. «Isto de levantar cedo» — pensou — «é completamente estupidificante. O ser humano tem necessidade de dormir. Há comerciantes que vivem como mulheres num harém. Quando eu, por exemplo, volto para a pensão, a qualquer hora da manhã, para fazer notas de encomenda, ainda esses senhores estão a tomar o pequeno-almoço. Eu que fizesse isso com o meu chefe: punham-me logo na rua. Aliás, quem sabe se não seria o melhor para mim. Se não fosse pelos meus pais, já há muito que teria pedido a demissão; ia ter com o chefe e dizia-lhe tudo o que me vai na alma. Havia de cair da secretária! Também não deixa de ser estranha essa sua mania de se sentar na secretária e falar lá do alto com o empregado que, ainda por cima, tem de chegar muito perto dele, por causa da sua surdez. Bom, ainda não

perdi completamente a esperança; logo que tiver o dinheiro necessário para lhe pagar a dívida dos meus pais — serão mais uns cinco ou seis anos —, é o que farei. Será então o grande corte. Entretanto, tenho é de me levantar, porque o meu comboio parte às cinco horas.»

E olhou para o despertador que fazia tiquetaque sobre a arca. «Deus do céu!» — pensou. Eram seis e meia, e os ponteiros avançavam com vagar, já passava mesmo das seis e meia, era quase um quarto para as sete. Não teria o despertador tocado? Da cama podia ver-se que estava correctamente regulado para as quatro; de certeza que tinha tocado. Sim, mas teria sido possível continuar calmamente a dormir com aquele barulho que fazia vibrar os móveis? Bem, não é que tivesse dormido calmamente, mas talvez por isso mesmo tivesse dormido ainda mais profundamente. O que havia ele de fazer agora? O comboio seguinte partia às sete horas; para o apanhar tinha de correr como um louco, e ainda nem sequer arrumara as amostras, e ele próprio não se sentia particularmente fresco nem activo. E mesmo que apanhasse o comboio, já não podia evitar uma descompostura do seu chefe, pois o empregado da firma estivera à espera do comboio das cinco e já há muito que comunicara a sua falta. Ele era um pau mandado do patrão, sem dignidade e sem entendimento. E se desse parte de doente? Só que isso seria extremamente embaraçoso e suspeito, porque Gregor, em cinco anos de serviço, não estivera doente uma única vez. De certeza que o chefe viria vê-lo com o médico da Caixa, censuraria os pais por terem um filho tão mandrião e cortaria cerce todas as objecções, apoiando-se na opinião do médico da Caixa, para quem só existem pessoas de perfeita saúde, ainda que preguiçosas. E, neste caso, não teria ele alguma razão? De facto, à parte uma sonolência francamente supérflua após um sono tão prolongado, Gregor sentia-se muito bem e estava até cheio de fome.

Enquanto pensava rapidamente em tudo isto, sem conseguir decidir-se a sair da cama — o despertador acabava de

marcar um quarto para as sete —, ouviu umas pancadas cuidadosas na porta, por trás da cabeceira.

— Gregor — era a mãe que o chamava —, falta um quarto para as sete. Não ias sair?

Aquela doce voz! Gregor sobressaltou-se ao ouvir a sua voz que respondia, que era inconfundivelmente a sua voz de sempre, mas na qual se misturava, como que subindo das profundezas, um chiar doloroso, impossível de abafar, que verdadeiramente só no primeiro momento concedia às palavras a sua clareza, para depois as destruir numa ressonância tal, que era impossível saber se tinha ouvido bem. Gregor gostaria de ter respondido detalhadamente, explicando tudo, mas dadas as circunstâncias limitou-se a dizer:

— Sim, sim, obrigado, mãe, vou já levantar-me.

Como a porta era de madeira, decerto que a alteração na voz de Gregor não foi notada lá fora, pois a mãe ficou descansada com a explicação e afastou-se, arrastando os pés. Mas a curta conversa chamara a atenção dos outros membros da família, intrigados por Gregor, contra o que seria de esperar, estar ainda em casa; e já o pai batia suavemente, mas com o punho, numa das portas laterais.

— Gregor, Gregor — chamou —, o que se passa?

E, alguns momentos depois, admoestou de novo, agora num tom mais grave:

— Gregor! Gregor!

Na outra porta lateral, porém, era a irmã que lamuriava baixinho:

— Gregor? Não te sentes bem? Precisas de alguma coisa?

Gregor respondia para ambos os lados:

— Já estou pronto.

E através da mais cuidadosa articulação e da introdução de longas pausas entre as palavras, esforçava-se por libertar a sua voz de tudo o que chamasse a atenção. O pai, de facto, voltou ao seu pequeno-almoço, mas a irmã sussurrou:

— Gregor, abre a porta, suplico-te.

Mas Gregor nem por sombras pensava em abrir. Pelo contrário, felicitava-se pela prudência, adquirida em viagem, de aferrolhar todas as portas à noite, mesmo quando estava em casa.

Antes de mais queria levantar-se com calma, sem que o incomodassem, queria vestir-se e, sobretudo, tomar o pequeno-almoço. Só então pensaria no resto, pois na cama, bem via, não chegaria a lado nenhum com as suas reflexões. Lembrava-se de já ter sentido várias vezes, na cama, uma ligeira dor, causada talvez por uma má posição, e que, ao levantar-se, ela se revelara puramente imaginária, e estava ansioso por ver como as impressões de hoje se dissipariam a pouco e pouco. Não tinha a menor dúvida que a mudança na voz mais não era do que o prenúncio de uma valente constipação, uma doença profissional dos caixeiros-viajantes.

Foi muito fácil desembaraçar-se do cobertor; só teve de encher levemente o peito de ar para que ele caísse por si. O mais difícil veio depois, sobretudo porque o seu corpo era invulgarmente largo. Teria precisado dos braços e das mãos para se soerguer; em vez disso, só tinha as muitas perninhas que não paravam de se agitar em todas as direcções e que ainda por cima não conseguia controlar. Quando queria dobrar uma, ela começava por se esticar, e quando finalmente conseguia executar com ela o que pretendia, todas as outras se atarefavam, como que libertas numa agitação frenética e dolorosa. «Nem pensar em ficar na cama como um inútil!» — disse Gregor para si próprio.

Quis primeiro tentar sair da cama com a parte inferior do corpo, mas esta parte inferior, que de resto ainda não vira, e sobre a qual também não tinha uma ideia precisa, revelou-se muito pouco flexível; era tudo tão lento; e quando, finalmente, quase louco, e sem qualquer precaução, se atirou para a frente, numa concentração de energias, escolheu mal a direcção e foi embater violentamente na extremidade inferior da cama. A dor aguda que sentiu ensinou-lhe que, de momento, era justamente a parte inferior do corpo talvez a mais sensível.